

OS DEGREDADOS FILHOS DE EVA DE ONTEM E DE HOJE

THE EXILED SONS OF EVE, IN THE PAST AND TODAY

*Luiz Alencar Libório**

Sandra Helena Rios de Araujo¹

RESUMO

No Catolicismo, a veneração à Virgem Maria perpassa séculos. Uma quase milenar devoção é a oração da Salve, Rainha, atribuída ao monge beneditino Hermannus Contractus, em 1050. Este artigo tem como objetivo analisar parte da oração da Salve Rainha e propor uma reflexão sobre “os degredados filhos de Eva” a partir da Doutrina Moral Sexual da Igreja Católica. Para tanto, o artigo coloca em evidência uma das causas da situação de abandono das crianças no período histórico do Brasil Colônia e Império e, no tempo presente de nossa história, a identificação de quem são esses filhos degredados hoje: crianças enjeitadas e discriminados sexualmente. Como resultado, a situação de degredo gerou as Santas Casas, com a célebre

* Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Salesiana de Roma (2001), Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Salesiana (1997) de Roma. Atualmente é Professor Adjunto I da Universidade Católica de Pernambuco. Membro da Sociedade Brasileira de Teologia Moral - Conselheiro e Assessor Internacional de Teologia da Sexualidade das Equipes de Nossa Senhora (ENS), membro da Congregação dos Missionários da Sagrada Família (MSF). membro do Comitê de Ética do IMIP (Instituto de Medicina Integral Prof. Figueira). E-mail: laliborio@terra.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2889916979419619>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-6096-4376>.

¹ Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. Mestra em Ensino na Saúde pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL. Especialização em Ginecologia-Obsterícia, Genitoscopia, Clínica Médica e Educação Médica. Graduada em Medicina pela Fundação Universitária de Ciências da Saúde de Alagoas Governador Lamemha Filho (1990). Atualmente, professora assistente do Curso de Medicina da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas - UNCISAL e professora adjunta do Centro Universitário Tiradentes - UNIT. Especialização em Desenvolvimento Docente em Metodologias Ativas. Membro do Grupo de Pesquisa Religião Cristã: fundamentos e desafios contemporâneos. E-mail: sandrarharaujo@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4026465959287289>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-2929-2185>.

“roda dos expostos” que acolhiam diretamente as crianças enjeitadas e favoreciam indiretamente a sexualidade extramatrimonial que gerou os degredados de ontem e de hoje.

Palavras-chaves: Degredados filhos de Eva. Doutrina moral sexual da Igreja Católica. Sexualidade. Prostituição. Roda dos expostos.

ABSTRACT

In Catholicism, the veneration of the Virgin Mary goes back centuries. An almost millennial devotion is the Hail Queen's prayer, attributed to the Benedictine monk Hermannus Contractus, in 1050. This article aims to analyze part of the Hail Queen's prayer and to propose a reflection on “the exiled Sons of Eve” from the Sexual Moral Doctrine of the Catholic Church. To this end, the article highlights one of the causes of the abandonment situation of children in the historical period of Colonial and Empire of Brazil and nowadays of our history, the identification of who are these exiled children today: rejected children and sexually discriminated. As a result, the situation of exile generated the Holy Houses, with the famous “Wheel of the exposed” that directly welcomed the rejected children and indirectly favored the extra-marital sexuality that generated the yesterday's and today's exiled.

Keywords: Exiled children of Eve. Sexual moral doctrine of the Catholic Church. Sexuality. Prostitution. Wheel of the exposed.

INTRODUÇÃO

Quando os cristãos católicos invocam Maria, a mãe de Jesus, o fazem das mais variadas formas. Alguns optam pela recitação do rosário e, contemplando seus mistérios, meditam sobre a vida de Jesus, desde a anunciação à morte e ressurreição, passando pelo batismo até a instituição da Eucaristia. É como se, através da recitação das Ave-Marias, homens e mulheres revisitassem os Evangelhos e encontrassem em suas passagens alívios para suas dores espirituais e/ou físicas.

Outros preferem acompanhar as romarias aos santuários nacionais e/ou internacionais a ela dedicados, tais como o de Aparecida, em São Paulo, o de Fátima e da Conceição, no Recife, o de Nazaré, em Belém, o de Nossa Senhora de Todos os Povos, em Akita (Japão), o de Nossa Senhora Saúde dos Enfermos, em Velankanni (Índia), o de Nossa Senhora de Guadalupe (México), Lourdes (França), Loreto (Itália) e assim por diante. Ali depositam pedidos, acendem velas, amarram fitinhas nas grades e nos punhos, agradecem graças alcançadas... Mas, sobretudo, conversam com a Mãe.

Sobre isso afirma I. Gebara:

A história da devoção a Maria é assim uma história para além dos parâmetros dos acontecimentos de sua vida mortal. Misturada à vida do fiel, abre para ele esperanças de sair dos estreitos limites de sua existência tornando-se sua grande aliada em todas as situações e necessidades da vida. A Virgem Maria continua na história e, de certa forma, continua sua história na história de muitos grupos através das promessas, das aparições, das curas e das múltiplas manifestações de carinho que os fiéis lhe devotam (GEBARA, *In* DOMEZI; BRANCHER, 2009, p. 11).

Na multiplicidade das orações marianas, tanto quanto os nomes pelos quais seus devotos a invocam, evidenciaremos, aqui, apenas uma, a “Salve Rainha”. Nesta oração, faremos um recorte: “A vós bradamos, os degredados filhos de Eva”. Quem são esses “degredados” que buscam aconchego em Maria, a quem recorrem, ou por quem os devotos marianos suplicam graças? É o que queremos identificar e apresentar neste artigo.

1 OS DEGREDADOS FILHOS DE EVA

Quem é Eva? “O homem chamou sua mulher “Eva”, por ser a mãe de todos os viventes” (Gênesis 3,20), “da qual todos os humanos dependem” (GEBARA, 1990, p. 27). Ivone Gebara reflete sobre a importância da mulher:

A mãe dos viventes é figura de mulher porque o corpo da mulher é um corpo anatomicamente configurado para dar origem à vida, embora saibamos que tanto o elemento masculino quanto o feminino são fundamentais para a continuidade da espécie. (GEBARA, 1990, p. 30).

E quem são os degredados? Partamos do significado da palavra. Degredado – “banido; pessoa que foi condenada ao degredo, sendo expulsa de seu país por um tempo determinado ou por toda a vida”. Ou, ainda: “que recebeu a pena de degredo; que foi exilado, expulso ou deixou de fazer parte de uma sociedade”². De acordo com o Catecismo da Igreja Católica (CIC, 922), fomos, então, como filhos de Eva, também banidos do Paraíso para sermos remidos em Jesus Cristo (CIC n. 987).

² Disponível em: <https://www.dicio.com.br/aurelio-2/>. Acesso em: 02 nov. 2019.

O exílio dos degredados filhos de Eva vem assumindo, ao longo da história, incontáveis faces. Queremos, aqui, apresentar duas delas. A primeira, localizada nos períodos colonial e imperial do Brasil e, a segunda, também no Brasil, na nossa história contemporânea. Ambas com interface na vivência da sexualidade, ambas também decorrentes das normas estipuladas pela Igreja no transcorrer dos séculos.

De acordo com aquilo que está explícito no CIC, a sexualidade humana está alicerçada em duas vertentes: a virgindade e o matrimônio. Assim, ou se é virgem, ou se constitui uma família cuja norma se respalda na heterossexualidade.

O estado de virgindade corresponde a dois modelos: aquele onde, por livre escolha ou por falta de oportunidade, a pessoa não contrai o matrimônio, permanecendo casta, o que popularmente, no linguajar nordestino das antigas se dizia “balzaquiana”. O outro modelo é a virgindade em função do Reino. Em relação às mulheres, assim está explícito no Catecismo:

Desde os tempos apostólicos, virgens e viúvas cristãs, chamadas pelo Senhor a apegar-se a Ele sem partilha em uma liberdade maior de coração, de corpo e de espírito, tomaram a decisão, aprovada pela Igreja, de viver respectivamente no estado de virgindade ou de castidade perpétua “por causa do reino dos céus” (Mt 19,12). (CIC n. 922).

Para os homens, o Catecismo fala sobre o celibato definindo-o como “um sinal desta nova vida a serviço da qual o ministro da Igreja é consagrado; aceito com coração alegre, ele anuncia de modo radiante o Reino de Deus” (CIC n. 1579).

Esses dois modelos contemplam, pois, as ordens religiosas femininas e masculinas, os movimentos leigos que congregam pessoas consagradas, e o sacerdócio. Deste modo a virgindade assume um caráter de sacralidade.

Quanto ao matrimônio, visto pela Igreja Católica como um sacramento – daí seu caráter de indissolubilidade, tem dois objetivos claros: a união entre o homem e a mulher, cujo compromisso de fidelidade é assumido entre si, perante Deus e a comunidade presente à sua celebração; e a aceitação dos filhos, tantos quantos Deus enviar, com a promessa de educá-los na fé cristã que eles, os pais, receberam desde o batismo.

O caráter unitivo, indissolúvel, *a priori* não admite a separação oficial ou oficiosa, condição aceita somente após Processo de Nulidade aprovado pelo Tribunal Eclesiástico cujas causas e procedimentos estão explicitados no Código de Direito Canônico. Para a Igreja, os nubentes estão ligados por um vínculo invisível, “perpétuo e exclusivo” (CIC n. 1638). No que se refere ao caráter procriativo, a Igreja somente compreende o controle da natalidade como consequência de um acordo comum entre os cônjuges, o que oportunizará ao casal a vivência da “castidade matrimonial” (CIC n. 2349), ou seja, o casal obedecerá ao ciclo natural do organismo feminino e, através daqueles métodos naturais indicados pela Igreja, poderão exercer a paternidade e maternidade responsáveis.

Ao delimitar a vivência da sexualidade sobre esses dois pilares, a Igreja gera concomitantemente os fatores determinantes para a criação da massa dos “degradados”, daqueles excluídos, banidos do Paraíso, fora da graça. Sob essa perspectiva, olhemos as duas faces do degrado acima anunciados: um recorte referente ao Brasil Colônia e Império, e outro à variedade explícita de comportamentos sexuais do nosso tempo.

O Brasil desde a Colônia, conviveu (e convive) diretamente com o abandono de crianças. Com um recorte temporal – Colônia e Império, vários são os estudos que nos mostram a situação degradante a qual era submetida os “expostos” ou “enjeitados”, ou seja, aquelas crianças recém-nascidas que, por motivos os mais diversos, inclusive econômico, eram colocadas “esquecidas” em algum lugar possível de serem encontradas. “Mães, familiares ou simples intermediários portadores de expostos procuravam protegê-los dos perigos das ruas, da chuva e do frio da noite; evitavam, por assim dizer, o abandono selvagem” (VENÂNCIO, *In*: PRIORE, 2017, p. 193).

Qual, então, a postura da Igreja Católica daquela época diante desses pequenos “degradados filhos de Eva”?

Segundo Venâncio:

Para a sociedade que herdara da religião europeia a crença na danação das almas, principalmente dos que faleciam sem receber o sacramento do batismo, o abandono causava indignação e

perplexidade. [...]. Acreditava-se que as pequenas almas não deveriam pagar por erros e faltas cometidos pelos pais. Uma atitude comum na Itália, França, Espanha e Portugal, foi a edificação, a partir do século XIII, de casas de caridade e outras instituições com o deliberado propósito de desviar bebês da estrada do limbo, para garantir a todos o sacramento do batismo (VENÂNCIO, *In*: PRIORE, 2017, P. 190).

A Santa Casa de Misericórdia da Vila de Olinda foi a primeira a ser instalada no Brasil, em 1539, seguindo o modelo português. Foi nas paredes das Santas Casas, aquelas voltadas para as ruas mais desertas, que se programou, também a exemplo daquilo que ocorria na Europa, a “roda dos expostos” ou dos “enjeitados”. Era uma forma cilíndrica de madeira, cravada naquelas paredes, presa a um eixo central, metade voltada para a rua, a outra metade para o interior da instituição. Ali, externamente, a criança era colocada. Tocava-se o pequeno sino para avisar que havia chegado mais uma. Escondia-se para não correr o risco de ser identificado. Assim, depositário e receptor não se viam reciprocamente.

As causas do abandono eram muitas. A pobreza figurava fortemente entre elas. Mas, também, a necessidade de salvaguardar a idoneidade de mulheres brancas e dos homens respeitáveis.

Segundo Jurandir Freire Costa:

Fundada para proteger a honra da família colonial e a vida da infância, a Casa dos Expostos terminou por obter um efeito oposto ao inicialmente previsto. Dispondo da roda, homens e mulheres passaram a contar com um apoio seguro às suas transgressões sexuais. Estavam certos de que podiam esconder os filhos ilegítimos em local onde seriam bem tratados. De protetora da honra, a Casa tornou-se um incentivo à libertinagem (COSTA, 1983, p. 164-165).

Nesta direção, Venâncio (*In*: PRIORE, 2017, p. 198) cita alguns autores que compartilham a mesma hipótese, isto é, que creditam à manutenção da moral e salvaguarda dos bons costumes o abandono dos filhos nascidos fora das regras sociais e religiosas estabelecidas para a época, fazendo referência, inclusive, à maternidade precoce entre adolescentes.

Assim, reconhecendo e descrevendo as tantas causas do abandono de milhares de crianças nos períodos colonial e imperial do Brasil, Venâncio não exclui aquelas

causas determinadas pela sociedade cuja base se respaldava nos preceitos da Igreja Católica.

Este entrelaçamento entre Igreja e sociedade brasileira é assim explicado por Darcy Ribeiro: “A associação das monarquias ibéricas com o papado alcançou um nível de quase fusão quando se juntaram os recursos econômicos e o salvacionismo” (RIBEIRO, 1998, p. 167).

No que se referia aos homens, “reconhecer publicamente [...] a paternidade de um filho bastardo consistia em ato constrangedor”. Quanto às mulheres, “os *impedimentos morais, a condenação das mães solteiras, principalmente das brancas, certamente contribuíram para a multiplicação dos enjeitados*” (VENÂNCIO, *In*: PRIORE, 2017, p. 199).

O drama vivido pelos “expostos” ou “enjeitados” no contexto socioeconômico e religioso da época – escravista, patriarcal, clerical – nos remete novamente a Darcy Ribeiro. Para ele a “indianidade” (e aqui podemos, por analogia, não nos limitarmos aos curumins, mas incluir todos os filhos da Terra de Santa Cruz, excluídos do processo civilizatório, portanto, também, e, sobretudo, os “expostos”), representava os filhos de Eva à espera da salvação.

Conforme Darcy Ribeiro:

O europeu que, forçando a tradição bíblica, fizera do deus dos hebreus o rei dos homens, agora tinha de incluir aquela indianidade pagã na humanidade do passado, entre os filhos de Eva expulsos do Paraíso, e do futuro, entre os destinados à redenção eterna (RIBEIRO, 1995, p. 58).

Redenção que viria pelo batismo e pela “crença na transformação de crianças em anjos” (VENÂNCIO, *In*: PRIORE, 2017, p. 207), o que servia de alento para as famílias e para a construção de um discurso que justificasse a ausência de um movimento mais incisivo em relação às questões oriundas dos comportamentos senhoris. Afinal, na concepção de Darcy Ribeiro, Estado e Igreja se confundiam como explicita abaixo:

O próprio Estado assume funções sacerdotais, expressamente conferidas pelo papa, para cumprir seu destino de Cidade de Deus contra a Reforma europeia. [...]. Para tanto, chega a transferir e revogar bispados e outras autoridades eclesiásticas. Em contraparte,

pelo que Deus lhes dava em riqueza e em vassalos nas antípodas, Roma lhes sacramenta a possessão dos novos mundos com a condição de que prossigam sobre eles a guerra dos mouros, na guerra e na conversão de novos infiéis recém-descobertos. Quem sabe até para transformá-los, através de seus evangelizadores, na cristandade terminal (RIBEIRO, 1995, p. 71).

Impossível, pois, outra postura senão a convivência salvífica de si mesma. Sem confronto com seus provedores e suas famílias, escondidas por trás de seus preceitos, a Igreja abençoou os escravistas em todos os sentidos, também no que se refere à sexualidade, contribuindo sobremaneira para a multiplicação desenfreada dos enfeitados “degredados filhos de Eva”.

Olhemos, agora, ao nosso redor. O caráter laico do Estado brasileiro, cujo processo (embora lento) teve início com a proclamação da República, em 1889, e se consolidou com a Constituição da República Federativa do Brasil promulgada em 1988, quase cem anos depois, promoveu uma ruptura no sentido de não mais viver legalmente sob a tutela dos preceitos religiosos da Igreja Católica Apostólica Romana. Tal ruptura não significou o rompimento de laços de respeito e cooperação mútuos. Todavia, a sociedade brasileira passou a conviver com outros parâmetros também no que se refere à sexualidade. A Igreja, no entanto, manteve-se fiel a suas tradições e ensinamentos. Nascem (ou aparecem mais visivelmente) outros “degredados filhos de Eva”. Senão, vejamos.

2 A CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA DE 1988 E OS NOVOS DEGREDADOS

Homens e mulheres passaram a seguir o que determina a Constituição brasileira: existem aqueles que mantêm o matrimônio religioso, mas também, e sem o peso da culpa, vivem uniões estáveis, foram casados e estão em outras relações matrimoniais oficiais ou não, outros que apenas oficializaram seus compromissos através do casamento civil. Na relação a dois, optam em fazer uso de métodos contraceptivos artificiais, em praticarem relações sexuais que não resultam em procriação (sexo solitário, anal e oral), em interromperem a gravidez indesejada. Isso falando daqueles casais heterossexuais. Eles compõem, se podemos dizer assim, a gleba heterossexual dos “degredados filhos de Eva”.

Um outro bloco de “degredados” é composto por aqueles casais que vivem uniões estáveis homoafetivas, reconhecidas pelo Estado brasileiro, e que compõem novos modelos de famílias. São cidadãos e cidadãs de bem que fizeram outras opções e criam seus filhos, adotivos ou naturais, com toda a segurança que a vivência dos afetos paternos e maternos pode gerar. O que diz o Catecismo a respeito?

A homossexualidade designa as relações entre homens e mulheres que sentem atração sexual, exclusiva ou predominante, por pessoas do mesmo sexo. A homossexualidade se reveste de formas muito variáveis ao longo dos séculos e das culturas. Sua gênese psíquica continua amplamente inexplicada. Apoiando-se na Sagrada Escritura, que os apresenta como depravações graves, a tradição sempre declarou que “os atos homossexuais são intrinsecamente desordenados”. São contrários à lei natural. Fecham o ato sexual ao dom da vida. Não procedem de uma complementaridade afetiva e sexual verdadeira. Em caso algum pode ser aprovado (CIC n. 2357)

Ao mesmo tempo, reconhece o grande número de pessoas que apresentam essas tendências profundamente enraizadas. Orienta seus fiéis a tratá-las bem, sem discriminação.

Devem ser acolhidas com respeito, compaixão e delicadeza. Evitar-se-á para com eles todo sinal de discriminação injusta. Estas pessoas são chamadas a realizar a vontade de Deus em sua vida e, se forem cristãs, a unir ao sacrifício da cruz do Senhor as dificuldades que podem encontrar por causa de sua condição (CIC n. 2358).

Cabe-nos perguntar: existe discriminação justa?

Para a Igreja “unir ao sacrifício da cruz do Senhor” no caso específico dos homossexuais significa negar a própria sexualidade.

As pessoas homossexuais são chamadas à castidade. Pelas virtudes do autodomínio, educadoras da liberdade interior, às vezes pelo apoio de uma amizade desinteressada, pela oração e pela graça sacramental, podem e devem se aproximar, gradual e resolutamente, da perfeição cristã (CIC n. 2359).

São ainda “degredados” aqueles e aquelas que, por opção ou por falta de oportunidades, assumem como profissão a práxis da sexualidade, reconhecidos como prostitutos e prostitutas, garotos e garotas de programa – profissionais do sexo. Eles e elas movimentam a economia sexual. Aqui merece um adendo: prostitutos e prostitutas são enquadrados como “degradados”, todavia não é esse o mesmo

tratamento que se dá a quem paga os seus serviços, com uma grande diferença entre os compradores e as compradoras.

O homem, nessa posição, é considerado macho no sentido de garantir sua masculinidade e é encarado como comportamento natural, lógico, inerente à sua condição biológica. Ao passo que a mulher é vista pelo senso comum como uma velha carente que ninguém mais quer e, por isso, tem a necessidade de comprar uma companhia nem que seja por algumas horas.

Corpo transformado em mercadoria, num mercado em que a compra e a venda obedecem à lógica das leis de capitais acasaladas com os interesses políticos, o corpo prostituído, receptáculo e suporte de esperas e medos, é, em uma palavra, o espelho da sociedade. Se a problemática da prostituição, sobretudo da mercantilização do corpo da criança e do adolescente, ocupa hoje um lugar tão importante na reflexão moderna, é porque, no imaginário da prostituição, o sexo é devoração e o desejo, mistificação (LINS, *In*: SOUSA, 1998, p, 11).

O papa Francisco escreveu o Prefácio³ do livro “Donne crocifisse – La vergogna del traffico raccontato dalla strada” (Mulheres crucificadas –a vergonha do tráfico contada da rua), escrito pelo padre Aldo Buonaiuto, da Comunidade Papa João XXIII, uma associação internacional fundada, em 1968, por padre Oreste Benzi, com o escopo de “compartilhar a vida dos últimos”⁴e publicado pela Rubbertino Editore, 2019.

Neste Prefácio, o papa coloca o dedo na ferida e reconhece que entre pagantes, os consumidores da prostituição, estão aqueles que se autodeclaram cristãos e não se comportam como tais.

O Papa Francisco relata uma de suas experiências:

Quando numa das Sextas-Feiras da Misericórdia durante o Ano Santo Extraordinário entrei na casa de acolhimento da Comunidade Papa João XXIII, não pensei que lá encontraria mulheres tão humilhadas, tristes e provadas. Realmente mulheres crucificadas. Na sala em que encontrei as mulheres libertadas do tráfico da prostituição forçada, respirei a dor, a injustiça e o efeito da opressão. Uma ocasião para reviver as feridas de Cristo.

3Disponível em:

https://www.snpcultura.org/mulheres_crucificadas_papa_francisco_prefacia_livro_sobre_trafico_humano.html. Acesso: 02 nov. 2019.

4 Informação colhida do sítio da Comunidade Papa João XXIII. Disponível em: https://www.apg23.org/pt/a_nossa_identidade/. Acesso em: 02 nov. 2019.

Depois de ouvir as histórias comoventes e humanas dessas mulheres pobres, algumas com crianças no colo, senti um forte desejo, uma exigência de pedir perdão pelas torturas que elas tiveram que suportar por causa dos clientes, muitos dos quais se dizem cristãos. Um incentivo a mais para rezar pelo acolhimento das vítimas do tráfico da prostituição forçada e da violência (PAPA FRANCISCO, 2019).

O Papa, neste mesmo Prefácio, reconhece a importância do trabalho da Comunidade Papa João XXIII que acolhe as vítimas desse tipo de violência e procura oferecer oportunidades de reintegração. Por tabela, este reconhecimento se estende às instituições, religiosas ou não, que direcionam seus esforços em salvaguardar a dignidade humana.

E o Papa Francisco continua seu testemunho:

Uma pessoa nunca pode ser colocada à venda. Por isso, estou feliz de conhecer o trabalho precioso e corajoso de assistência e reabilitação que o Pe. Aldo Buonaiuto realiza há vários anos, seguindo o carisma de Oreste Benzi. Isso requer também a disponibilidade de expor-se aos perigos e retaliações da criminalidade que fez dessas mulheres uma fonte inexaurível de ganhos ilícitos e vergonhosos.

Gostaria que este livro fosse acolhido no contexto mais amplo possível a fim de que, conhecendo as histórias que estão por trás do número chocante do tráfico, se possa entender que, sem deter essa alta demanda de clientes, não será possível combater de maneira eficaz a exploração e a humilhação de vidas inocentes (PAPA FRANCISCO, 2019).

Concluindo o Prefácio, o papa Francisco denuncia a corrupção, a prostituição como uma forma de escravidão e convoca a todos, indivíduos e instituições, a não ficarem indiferentes aos brados desses “filhos de Eva”. E acrescenta enfaticamente:

A corrupção é uma doença que não se detém sozinha. É preciso uma tomada de consciência individual e coletiva, e também eclesial, para ajudar realmente essas nossas desventuradas irmãs e para impedir que a iniquidade do mundo caia sobre as criaturas mais frágeis e indefesas. Toda forma de prostituição é uma escravidão, um ato criminoso, um péssimo vício que confunde a relação de amor com o desafogar os próprios instintos, torturando uma mulher indefesa.

É uma ferida na consciência coletiva, um desvio ao imaginário corrente. A mentalidade de que uma mulher deve ser explorada como uma mercadoria para usar e depois jogar fora é patológica. É uma doença da humanidade, uma maneira errada de pensar da sociedade. Libertar essas pobres escravas é um gesto de misericórdia e um dever para todos os homens de boa vontade. O seu grito de dor não pode

deixar indiferentes pessoas e instituições. Ninguém deve virar o rosto para o outro lado ou lavar as mãos do sangue inocente que é derramado nas estradas do mundo (PAPA FRANCISCO, 2019).

É uma luz no fim do túnel?

Por fim, são “degradados”, ainda nessa janela da sexualidade, aqueles que compõem o universo dos travestis, dos transexuais e dos transgêneros. Em outras palavras, aquelas pessoas que fogem aos padrões da heterossexualidade admitida pela Igreja Católica. A elas sequer é possível o estabelecimento de diálogos para que se compreenda suas dores, seus dramas, seus afetos, seus sentimentos. São vistos como “aberrações”.

CONCLUSÃO

Como se pode observar, a cosmovisão platônica marca quase indelevelmente a visão cristã da sexualidade e da ética e moral católica, contrapondo o corpo à alma e o mundo aos céus onde mora a Rainha dos degradados que a ela clamam desde o vale de lágrimas e da terra do desterro!

Vejamos essa oração que há quase mil anos é recitada pelos católicos de todos os continentes à Virgem Maria:

Salve, Rainha, Mãe de misericórdia, vida, doçura e esperança nossa, salve! A vós bradamos, os degradados filhos de Eva; a vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia, pois advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei; e depois deste desterro nos mostrai Jesus, bendito fruto do vosso ventre, ó clemente, ó piedosa, ó doce sempre Virgem Maria.

Eis a oração da Salva Rainha completa, atribuída ao monge beneditino Hermannus Contractus, escrita em 1050.

São esses “filhos degradados de Eva” que, conscientes ou não, “bradam” à Mãe de todos os homens e de todas as mulheres? Ou melhor: poderão esses “bradarem” à Virgem Maria e reconhecê-la como Mãe de Misericórdia? Poderão dirigir-se à Maria e encontrarem nela a “vida, a doçura a esperança”? Poderão repetir: “Tu que és nossa Mãe, volve a nós teu olhar”? E, como advogada dos “degradados filhos de Eva”, fazê-

los contemplar a face de Jesus e ouvir, como outrora, “os últimos serão primeiros” (Mateus 20,16)?

Ainda bem que essa Rainha é concebida, compensatoriamente, como misericórdia, piedade e “doçura” dos que foram degredados, degradados e “amargados” nesse deslocar-se entre o nascimento e a morte, na busca da plenitude em Deus sob a proteção da Virgem Maria.

REFERÊNCIAS

BUONAIUTO, Aldo. *Donne crocifisse: La vergogna del traffico raccontato dalla strada*. Comunidade João XXIII. Roma: Rubbertino Editore, 2019.

CIC. **Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

CIC. **Código de Direito Canônico**. São Paulo: Loyola, 1983.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

GEBARA, Ivone. **As incômodas filhas de Eva na Igreja da América Latina**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1990.

GEBARA, Ivone. Uma leitura feminista da Virgem Maria. *In*: DOMEZI, Maria Célia; BRANCHER, Mercedes. (Orgs.). **Maria entre as mulheres: perspectivas de uma Mariologia feminista libertadora**. São Leopoldo: CEBl, 2009.

Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/aurelio-2/>. Acesso em: 02 nov. 2019.

HARRISON, Barbara Grizzuti. Reflexão sobre Eva. *In*: BUCHMANN, Christina; LINS, Daniel. Apresentação. *In*: SOUSA, Francisca Ilmar de. **O cliente: o outro lado da prostituição**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto; São Paulo: Annablume, 1998.

Informação colhida do sítio da Comunidade Papa João XXIII. Disponível em: https://www.apg23.org/pt/a_nossa_identidade/. Acesso em: 02 nov. 2019.

PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. 10. ed., 4. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a evolução e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Darcy. **O processo civilizatório: estudos de antropologia da civilização: etapas da evolução sociocultural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Vatican News. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-07/papa-francisco-prostituicao-prefacio-livro-aldo-bonaiuto.html>. Acesso: 02 nov. 2019.

VENÂNCIO, Renato Pinto. Maternidade negada. *In*: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 10. ed., 4. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.